

# Itinerários em análise social

Charles Tilly

Tradução de Alexandre Morales

Retrospecto em demasia pode lhe fazer mal. Se em meio a um tráfego pesado e rápido você dirigir com os olhos o tempo todo no retrovisor, isso lhe dará uma perfeita visão dos caminhões que estão no seu encalço, mas facilmente poderá causar uma desastrosa colisão com os veículos à sua frente. Mesmo assim, isso lhe ajudará eventualmente a rever a estrada na qual está viajando. E a planejar o resto de sua jornada. Poderá ainda contribuir para que outros planejem jornadas diferentes, talvez melhores.

A jornada em questão atravessa o terreno da análise social: a interpretação sistemática e cética das interações humanas em qualquer escala, desde os encontros furtivos dos amantes até a ascensão e queda dos impérios. Permitam-me identificar um conjunto de escolhas – ou encruzilhadas, como também poderiam ser chamadas – a serem confrontadas por qualquer um que siga a carreira da análise social. Mais à frente identificarei e explicarei as escolhas que fiz, mas apenas para clarificar quais outras escolhas os jovens que cogitam seguir carreira no campo da análise social poderão fazer, e por quê.

Considerem quatro encruzilhadas, cada qual requerendo uma escolha entre aproximar-se ou afastar-se em relação a certo destino. Chame-as Presente *versus* Passado, Ação *versus* Contexto, Poder *versus* Vulnerabilidade e Prescrição *versus* Explicação. À diferença dos cruzamentos rodoviários, em ângulo reto, essas encruzilhadas permitem aos viajantes escolher entre múltiplos ângulos de aproximação ou afastamento, bem como fazer o retorno

e seguir mais de um itinerário. Entretanto, simplificará minha discussão simular que estamos lidando com escolhas de tipo sim-ou-não.

Presente *versus* Passado? No momento em que qualquer analista social tenha sido efetivamente capaz de estruturar uma interpretação sistemática e cética de uma interação humana, essa interação já se terá incorporado ao passado. Somente os locutores esportivos e os repórteres televisivos chegam perto de fazer observação e análise simultaneamente. Apesar disso, alguns analistas se concentram nas questões humanas atuais, outros buscam identificar conexões entre passado e presente, e outros ainda fixam seu olhar em eventos e pessoas de tempos remotos. Os argumentos em favor do presente sugerem que as pessoas se preocupam sobretudo com o que está acontecendo agora, que as interações em curso estão moldando o futuro humano e que os investigadores do presente podem se fiar em suas próprias observações e intervenções, em vez de padecer das distorções da documentação e das falhas da memória. Os argumentos em favor do passado afirmam que o presente opera dentro de limites legados pelo passado, que alguns processos levam um longo tempo para se definir, demandando portanto análises de longo prazo, e que a interação humana passada oferece um vasto laboratório para a identificação de regularidades persistentes nos processos sociais.

E quanto a Ação *versus* Contexto? Os analistas sociais podem focalizar os humanos desempenhando efetivamente ações importantes ou recuar para situar esses mesmos humanos em seus tempos, lugares e contextos sociais. Os economistas, por exemplo, comumente presumem que podem produzir explicações adequadas do comportamento humano identificando as oportunidades, as preferências e os recursos que caracterizam os indivíduos imediatamente antes de comprarem, venderem, produzirem ou consumirem. Os antropólogos, em contraste, costumam argumentar que o comportamento humano depende fortemente da localização dos indivíduos e grupos em redes específicas de relações sociais, cultura e meio ambiente. Ação equivale a aproximar-se da vida social tal como os indivíduos a vivenciam, um a um; contexto, a aproximar-se do nosso reconhecimento ocasional de que as conexões importam.

Pense em Poder *versus* Vulnerabilidade, uma escolha bem mais complicada. De um lado, os analistas sociais podem focalizar sua atenção naquelas pessoas, posições, grupos e instituições de maior impacto nas vidas de outras pessoas: profetas, patriarcas, presidentes, generais, financistas e até mesmo autores influentes. De outro, os analistas sociais podem seguir meu amigo James Scott e argumentar: uma vez que a maioria das pessoas, na

maior parte do tempo, está sofrendo as conseqüências do poder sem poder exercer muita influência sobre ele, os mais vulneráveis merecem todo o apoio que possam ter e, em conseqüência, os analistas deveriam concentrar sua atenção em como aquelas pessoas relativamente sem poder lidam com a opressão e com as dificuldades. A escolha se torna complicada porque não envolve simplesmente alinhar-se com o poderoso ou com o fraco. Os analistas do poder freqüentemente invejam, odeiam ou culpam seu objeto, enquanto os analistas da vulnerabilidade freqüentemente deploram a incapacidade das pessoas comuns de se comportarem como eles prefeririam.

Isso nos leva a Prescrição *versus* Explicação. Alguns analistas sociais se concentram em projetar, advogar ou contribuir para organizar o que consideram modos de vida superiores. Outros se concentram em explicar por que a vida social toma a forma que tem. Essa simples oposição, entretanto, obscurece a interdependência entre prescrição e explicação. Num sentido, as preferências acerca de estados de coisas desejáveis e indesejáveis inevitavelmente influenciam o modo como os analistas sociais elegem, concebem e justificam suas investigações. Noutro sentido, todo programa político e moral invariavelmente associa sua identificação de resultados desejáveis a três outras ordens de afirmações: afirmações sobre fatos, relativas ao que existe atualmente no mundo; afirmações sobre possibilidades, relativas a formas alternativas de existência e afirmações de causa e efeito, explicando como o mundo social poderia passar da sua indesejável condição presente para outra mais desejável. Afirmações sobre fatos, possibilidades e relações de causa e efeito empurram todo programa prescritivo para o terreno da explicação.

Até aqui, o meu próprio itinerário tendeu a favorecer o passado em vez do presente, o contexto em vez da ação e a explicação em vez da prescrição, ao passo que procurou um meio-termo entre vulnerabilidade e poder. Ao longo do tempo, devotei quase que igual energia a analisar as estruturas de poder em mudança, as formas de conflito popular em mudança e as interações entre elas. Tais escolhas oferecem a vantagem de um aprendizado cumulativo e uma perspectiva comparada acerca das emergências dos dias de hoje. Impõem, porém, o custo da marginalidade diante dos debates contemporâneos mais candentes. Tenho constantemente pensado que o meu trabalho descascava problemas que atraíam ampla atenção mas, enquanto esquadrinhava as implicações de minhas análises, o debate público já se havia deslocado para outras questões. Você só deve seguir meu itinerário se almejar fazer a sua contribuição não neste instante, mas no longo prazo.

Felizmente, as outras escolhas permanecem abertas e convidativas. No curso desse mesmo longo prazo, aqueles que escolherem o presente em vez do passado, a ação em vez do contexto, a prescrição em vez da explicação e a vulnerabilidade ou o poder, em vez do meio-termo, também estarão viajando através do acidentado, mas recompensador, terreno da compreensão humana.

Universidade de Columbia, 15 de setembro de 2002.

Resumo

*Itinerários em análise social*

O texto discorre sobre o conjunto de escolhas – ou encruzilhadas, como prefere o autor –, com as quais se confrontam os analistas dos fenômenos da vida social. As escolhas entre “presente *versus* passado”, “ação *versus* contexto”, “poder *versus* vulnerabilidade” e “prescrição *versus* explicação” permitem ao estudioso eleger entre múltiplos ângulos de aproximação (ou afastamento) no que concerne à forma de construir a análise social. O autor afirma que o seu próprio itinerário favoreceu o passado em vez do presente, o contexto em vez da ação e a explicação em vez da prescrição, ao mesmo tempo em que procurou se posicionar no meio termo entre vulnerabilidade e poder.

Palavras-chave: Trajetória intelectual; Análise social; Charles Tilly.

Abstract

*Itineraries in social analysis*

The author identifies a set of choices – crossroads, as he prefers to call them – confronted by anyone who makes a career of social analysis. “present *versus* past”, “action *versus* context”, “power *versus* weakness”, and “prescription *versus* explanation” are crossroads that allow travelers to choose among multiple angles of approach (or avoidance) in the terrain of social analysis. Later he identifies and explains the choices he made: his own itinerary up to this point has generally favored the past over the present, context over action, and explanation over prescription, while seeking a middle ground between weakness and power.

Keywords: Intellectual trajectory; Social analysis; Charles Tilly.

Texto recebido em 10/2004 e aprovado em 10/2004.

Charles Tilly é professor de ciências sociais na cátedra Joseph L. Bittenswieser da Universidade de Columbia. E-mail: ct135@columbia.edu.